



REDACÇÃO PRINCIPAL  
**ALEXANDRE VIEIRA**  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
EDITOR — JOAQUIM CARDOSO

Redacção, administração e tipografia, Calçada do Combro, 38-A, 2.º  
Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegráfico: Talha-Lisboa — Telefone 5339 C.  
Officinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 116

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ — PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

## A guerra social

### A propósito do bolxevismo

XVII

No mundo inteiro, o proletariado organizado, tanto nos seus partidos socialistas, deute o bolxevismo e a 3.ª Internacional.

O bolxevismo é o socialismo? Torna-se necessário «depurar» os partidos socialistas, isto é, expulsar os «socialistas-patriotas» ou «socialistas-traidores» empregando a terminologia bolxevista, ou expulsar os «extremistas da extrema-esquerda»? Dum lado e do outro, na imprensa do Partido, trocam-se copiosas injúrias. As injúrias ocupam o lugar dos argumentos, pois que é mais fácil injuriar que argumentar. Dum lado e do outro procura-se «atafular os cérebros» do leitor, ocultar a verdade, bolar mentiras. Tudo isto é política infantil, de bebés que batem nos móveis onde se magoaram, acreditando muito sinceramente que foi essa a intenção do móvel.

Em lugar de trocarmos injúrias recíprocas, era preferível observar objectivamente as ideias e a situação, iniciar uma crítica escrupulosa e deduzir a conduta a seguir. A dificuldade deste exame consiste em que um mundo de questões e de ideias se ergueu a propósito do bolxevismo, o qual irradia em todos os sentidos. Como um carvalho em extremo frondoso, ramifica-se num cerrado entrelaçamento de ramos que se entrecruzam, cortam-se, recortam-se e encaixam-se. Neste amontoamento de ideias removidas é fácil perdermo-nos; fáceis são as digressões.

A ordem é difícil até mesmo para as pessoas de boa fé, que se esforçam por ver as coisas objectivamente. Para os outros, os de ideias preconcebidas, esta mesma confusão de ideias, é um achado, porque lhes permite digressões conscientes ou não. Procuramos nós, por a clarar as ideias e as questões que o bolxevismo e a 3.ª Internacional vieram em discussão.

### O bolxevismo e a Revolução Russa

Uma das primeiras questões que se apresentam ao nosso espírito é: criticar o bolxevismo será atingir, enfraquecer a Revolução Russa? Não, responderá imediatamente o sociólogo. O bolxevismo não constitui a Revolução Russa, mas é uma simples fase desta. Não foi ele que iniciou a revolução. Apoderou-se dela, e tem-na dirigido desde então. Esta fase é sem contradição até agora a mais importante da Revolução Russa, mas nada prova que o será o futuro. Tem as suas grandezas e as suas baixezas, como toda a natureza. E' ser injusto para com o bolxevismo esconder umas e outras, segundo o nosso interesse. E esta injustiça é aliás inútil, porque a verdade, apesar de tudo e contra todos, aparece sempre. A política de ocultação da verdade, é a política do avestruz, que se julga em segurança quando oculta a cabeça. Dizer a verdade aos seus amigos, bem como aos seus adversários, é sempre a política de ocultação da verdade, é a política do avestruz, que se julga em segurança quando oculta a cabeça. Dizer a verdade aos seus amigos, bem como aos seus adversários, é sempre a política de ocultação da verdade, é a política do avestruz, que se julga em segurança quando oculta a cabeça.

Eis um dos ensinamentos da história. Dizer a verdade a todos a propósito de tudo, é mais útil que oco. Criticar severamente, mas, bem entendido, sempre objectivamente — o bolxevismo, é prestar-lhe um serviço, porque é mostrar as suas fraquezas, os seus erros, e permitir-lhe assim os esforços para se corrigir. Eu sei que me objectaram que isto é dar armas aos adversários do bolxevismo, aos seus inimigos de classe. E' por esta razão, mais vale guardar silêncio, e admirar ou repelir em bloco. Que falso raciocínio! A função do «leader» que se diz democrático consiste em esclarecer as massas de modo a elas poderem decidir com perfeito conhecimento de causa. Este esclarecimento não se obtém se occultarmos a verdade, se a deformamos, alteramos ou simplesmente a matamos.

Em todo mundo os partidos socialistas e os sindicatos operários tem que se decidir sobre a questão da 3.ª Internacional. E' o poder faz-lo com conhecimento de causa, se a verdade for conhecida ou oculta, pois seriam então levados a decidir sem conhecimento, o que é a pior das decisões justas e razoáveis. O «leader» que tomar uma tal atitude política, demonstra, ipso facto, que entende, na direcção dos negócios, substituir-se às massas, que se tem deixado conduzir como carneiros pelo pastor. Este processo político é essencialmente um processo de política autocrática.

Os anti-democratas, reaccionários e conservadores de todas as nuances, podem empregá-lo, porque é o seu na sua essência. Mas os democratas não o podem usar porque seria falar ao princípio da democracia, isto é, do governo do povo pelo povo.

### A guerra e o socialismo

Uma outra questão posta em foco pelo bolxevismo, é a da luta dos socialistas durante a guerra mundial, nos diversos países beligerantes.

Quasi por toda a parte, os «leaders» socialistas e as multidões socialistas foram «patriotas», «guerreiros», até «finalistas». Este procedimento é qualificado de traição ao socialismo e os bolxevistas pedem aos diversos partidos que expulsem do seu seio os «socialistas-patriotas».

O exame desta questão é delicado, porque obriga a abordar a origem e as causas da guerra. Com efeito, seria na verdade o mais simplismo colocar em idéntico plano os diversos países beligerantes e por consequência os diferentes partidos socialistas beligerantes. Não é este o momento de expor em detalhe as causas e origens da guerra. Bastar-me há dizer que para o cientista está provado que a guerra teve sobretudo causas económicas, desde que declarou. Pois estas causas bem depressa cedem o seu lugar a causas político-morais (veja-se as minhas Lições da Guerra Mundial, capítulo X).

Estas prevaleceram até ao armistício, momento este em que as causas económicas retomaram o primeiro lugar. Tal é o decurso das causas da guerra, quando estudamos com espírito científico o ponto dos acontecimentos sociais.

Pode-se afirmar, portanto, que causas económicas presidiram ao desencadear da guerra, e tanto no seu início, como durante ela, as causas políticas diplomáticas oficiais mostravam que os autores do desencadear da conflagração tinham sido o governo alemão representado dum importante «clan» do capitalismo germânico. Os documentos publicados mais tarde, tanto pelo governo bolxevista, que entregou ao público, pelo menos parcialmente, os arquivos diplomáticos secretos de Petrogrado, como pelos outros governos e simultaneamente as revelações de muitos governos não modificaram esta maneira de ver que desde 1915-1916 expuz nas conferências de Birkbeck College (Universidade de Londres). A guerra foi preparada e desejada por uma importante facção do

## NOTAS & COMENTÁRIOS

### Carestia

Em toda a parte a vida corre torta para os que trabalham. Já dantes era assim; mas o mal agravou-se após a vitória. Contudo, nos países a saque, como o nosso, a vida torna-se quase impossível. Em França, já aqui o noticiamos, não há muito se manifestaram tendências para uma baixa, pouco acentuada, é certo. Em todo o caso, baixa ou, pelo menos, fixação de preços. O operário de Paris, trabalhando oito horas, ganha com que manter-se, e não tem necessidade de dispendir, em alimentação, casa e vestuário, mais de metade do que ganha. A outra metade fica livre. Desperdiça-la há os pródigos, guardá-la há os económicos, mas o certo é que sempre meio salário fica livre, depois de saldados os gastos indispensáveis. Compare-se agora o que se passa em Paris com o que em Portugal se passa. E ver-se há então a diferença suprema que entre um país e outro existe.

### Os bárbaros

Não resta a menor dúvida de que a dominação dos bolxevistas na Rússia tirou a este país todas as probabilidades de civilização. Uns «bárbaros», como se dizia enquanto a palavra punha em pé os cabelos dos pacíficos calvos. Simplesmente esses bárbaros trabalham esforçadamente para espalhar a instrução a jorros. Os seus melhores homens, os mais cultos, trabalham actualmente na reforma dos livros escolares para educação da mocidade. Bucharine foi encarregado de elaborar um tratado sobre materialismo histórico, com referência aos partidos políticos durante a revolução proletária. Stikloff ocupou-se da história do movimento operário no ocidente europeu. Staline publicará um tratado sobre as bases da táctica comunista. Vorozkytch escreverá uma história da literatura. Tomskitch tratará dos Sindicatos; Milyutine da organização económica na Rússia soviética... Os bárbaros...

### Entre a Polónia e a Lituânia

#### Intervenção alemã

PARIS. — A participação dos alemães na luta que a Lituânia sustenta contra a Polónia tornou-se nestes últimos dias particularmente activa.

Entre os prisioneiros feitos pelo general Zolipski encontram-se militares alemães de todas as patentes. — Rádio.

### As greves em Zamora

ZAMORA, 14. — O governador trouxe impressões para solução da greve, tendo sido publicadas pela Câmara do Comércio bases análogas às petições elaboradas pelas associações operárias.

### CONSELHO JURÍDICO da C. G. T.

O advogado deste Conselho, dr. Sobral de Campos, dá hoje consultas, às 21 horas.

capitalismo mundial, que aspirava enriquecer-se e fazer uma limpeza no proletariado por intermédio de uma copiosa sangria. A guerra foi desencadeada pela parte alemã desta facção, porque foi esta a mais andaz e porque era a que dominava mais poderosamente o seu proletariado e a sua burguesia anti-guerreira.

Antes do desencadear da guerra todas as forças da mentira e do obscurantismo foram postas em jogo para enganar o povo alemão. Depois da guerra desencadeada, por toda a parte as mesmas forças de mentira e de obscuridade desenvolveram uma grande actividade para iludirem todos os países beligerantes afim de manterem a guerra. O «atafualimento dos cérebros» foi geral.

Dada esta situação, o observador imparcial constata, que os povos germânico, francês, belga, britânico não estão no mesmo plano moral sob o ponto de vista da continuação da guerra. Seria um erro de facto e um erro de raciocínio considerar estes povos como igualmente responsáveis na conservação e na duração da guerra. Os partidos socialistas destes diversos povos apresentam-se, portanto, perante o sociólogo em condições diferentes. Os «socialistas-patriotas» da Alemanha não são idénticos aos «socialistas-patriotas» da Bélgica, da França e do Grão-Bretanha. Os primeiros apoiavam um governo que fazia uma guerra de conquistas económicas, os outros uma guerra de defesa das suas liberdades, da sua autonomia, da sua independência nacional. E' falsa, por consequência, a assimilação entre Vandervelde, Albert Thomas e Renaudel a Scheidemann e outros. Os bolxevistas russos e os bolxevistas ocidentais cometeram este erro, por falta duma cuidadosa discriminação das condições dos acontecimentos.

Portanto, a qualquer espírito sem prevenção torna-se patente que não houve tração ao socialismo considerado tanto na teoria como na prática dos seus partidos, entre os «leaders» e as multidões socialistas do Ocidente. A situação entre os Centrais era diferente. Se houve realmente «tração», que aliás não foi consciente. Iludidos pelas mentiras dos dirigentes, cegamente crentes na palavra dos chefes — por ausência de espírito crítico, consequência da sua educação militar baseada no temor e na opressão — os socialistas germânicos foram inconscientemente traidores à sua doutrina e à sua classe, ao darem o seu apoio a uma guerra de agressão e de conquista.

Mas daqui deve-se depreender que ao Partido Socialista incumba a expulsão do seu seio, como o pretendem os bolxevistas, dos «leaders» que foram «guerreiros», «patriotas» durante a guerra mundial? Não o penso assim. Até mesmo em relação ao partido alemão, seria isto uma medida injusta, porque se vê que eles actuaram em virtude de modos de ver erróneos, tendo por causa as mentiras dos dirigentes e a sua educação militar. Seria para todos um mau acto político que iria provocar divisões e lutas instintivas a propósito do passado. Bastam as provocadas a propósito do presente. E estas não se podem evitar, como o veremos ao fazer o exame às condições do pós-guerra, isto é desde Novembro de 1918.

## O MEU KODAK

## A PROSTITUIÇÃO

O amor é um artigo catalogado que se vende por grosso ou a retalho

Como as instituições, a prostituição lisboeta evoluiu. No tempo dos nossos avós era romântica e sentimental; hoje é ferozmente democrática. Aquela cortezá barata, do Bairro Alto e Alfama, que condes e marqueses levavam, com grande indignação do burguês pacato, aos passeios públicos e às touradas tumultuosas, é rara, como raros são os condes e marqueses, mais fadistas do que fidalgos, que usavam naldas, guitarra e calça à boca de sino; agora vestem à americana, tocam piano e frequentam o five o'clock tea.

Antigamente a prostituta levava uma vida de pândega e embriaguês nos retiros, nas hortas e nos cafés da Mouraria. Agora que já não há retiros, nem hortas, nem cafés onde pandegar, a sua vida é uma cadeia ininterrupta de desgostos, doença e miséria.

A legião de heroínas do vício cresceu, cresce sempre, de dia para dia. Custe-lhe que aborreceu o trabalho forçado do atelier, casada que vive mal com a parca fêria que o marido lhe dá; ouvari sensual e inábil, e preguiçosa que sonha uma vida de ociosidade, lançam-se na prostituição, crentes numa existência maravilhosa de prazer e de fortuna. Parece que uma rede imensa, destruidora levando tudo, vai arrastar todos — solteiras e casadas, bonitas e feias, rudes e educadas, sábias e doentes. Por isso a prostituição, que nos bons tempos formava uma classe inconspícua, perdeu todas as características românticas, que o fado immortalizou e que alguns poetas, alheios à sua época, ainda exaltam.

A prostituição moderna é mais debochada e mais prostituta. Saiu daquelas fórmulas, daquelas convenções, que só conservam as mais pobres, as que enfileiram na rua da Atalaia, à meia-porta tradicional. Estas mantêm intactos os velhos princípios que regiam a prostituição, princípios que eram a moral dentro da immoralidade. A cortezá moderna, que usa chapéu e quer passar por senhora, sem um contacto com a realidade e novos-ricos, egoístas e imorais, já não foi educada nos seus princípios da prostituição, não conhece moral de espécie alguma; pratica, sem repugnância, as infâmias que fariam corar a de meia-porta. Se não as praticar, outra virá substituí-la. — Há tanta — e se o abandono a perda dos vestidos chics, dos amantes ricos, dos bons passeios de automóvel. O aumento pavoroso do número de prostitutas criou a concorrência, a guerra entre elas, destruiu toda a solidariedade, esmagou a resistência ao vício, entrou-as mais no lodacal.

Como sempre, o mais pobre é o último a corromper-se. Essa de meia-porta é pobre que luta com pobres — com as classes trabalhadoras, infinitamente mais honestas, menos viciosas do que as abastadas — conserva um certo pudor de actos e de linguagem, onde não entra a perversão, que muitas casadas não desconhecem. Essa meretriz reles, que não usa penacho, nem perfumes caros, não há muito tempo que foi trespassada de um bordel por trinta e tal contos. A prostituta assalariada exerce uma das mais rudes profissões. E' escrava da patrão e de todos os que nela procuram obter dinheiro, monta bordel seu, com prostitutas assalariadas, debaixo do seu jugando-as, pela sua força económica, como o patrão ao operário.

E' esta uma das fases mais revoltantes da prostituição moderna, que corresponde ao desenvolvimento da sociedade capitalista, às grandes explorações comerciais e industriais. A prostituição é uma indústria florescente! Há honrados capitalistas que tem nestas empresas importantes dinheiros comprometidos. Não há muito tempo que foi trespassada de um bordel por trinta e tal contos. A prostituta assalariada exerce uma das mais rudes profissões. E' escrava da patrão e de todos os que nela procuram obter dinheiro, monta bordel seu, com prostitutas assalariadas, debaixo do seu jugando-as, pela sua força económica, como o patrão ao operário.

A prostituição é terreno pantanoso que tanto mais absorve à sua vítima quanto mais ela se agita para salvar-se. A sociedade cria a prostituta, prepara-lhe o terreno escorregadio que a leva à queda... e por fim volta-lhe as costas. A meretriz tem a sua vida ao estado, que a explora, é a opinião pública, que a condena. Pode conservar sentimentos bons, pode amar a justiça e a vida sã, pode ser mais honrada do que as próprias honradas, que, para qualquer lado que se volte, só encontra má vontade, desprezo, injustiça, solidão.

Aquele que, pelas ruas da Baixa, oculta na escuridão da noite as faces tristes manchadas de sífilis; a que aborda o transeunte notívago, rogando uma esmola; a que procura afilivamente o alimento de cada dia, arrastando o passante à hesperádia duvidosa e mal iluminada, essa sabe bem quanto é duro o mundo e a lei para os que tem fome. São poucos os cobres que a sua carne flácida rende e as sucessivas rugas que a sevam ao governo civil onde paga a libertação com o produto do seu corpo, mal lhe deixam para uma sossa mal adubada. «Que abandonem essa vida», diz dali um leitor sensato. Mas o Estado só lho permite se ela pagar — e ela não tem nem para comer. O Estado é assim o chulo-mór; em vez de viver à custa de uma, explora todas as prostitutas; o seu interesse coincide com o desenvolvimento da prostituição.

Rara é a que se regenera. Alguns sentimentalistas pretendem encontrar na prostituta qualidades admiráveis. Poderá haver excepções, mas, em regra, mulher que cai é mulher perdida. Antes de entrar nas fileiras do exército do amor já era espiritualmente devassa, ou por temperamento, ou porque o ambiente em que vivia a impelia para o crime.

Não é de admirar que a vaga aumente, que esse exército destruidor, como todos os exércitos, tente inutilizar tudo quanto haja de bom e de moral na mulher. Numa sociedade onde os habitantes se aglomeram, numa promiscuidade perigosa; onde a escola é uma blague; a lei a injustiça; o roubo um direito; o assassinato um dever; a moral um sofisma; a honradez uma imbecilidade; a denúncia uma glória; a política uma prostituição de consciências; a tração uma virtude não será a prostituição a ingenuidade, a pureza, a moralidade? A sífilis é o justo prêmio desta pureza, desta moralidade.

Acabo de ler o que atrás escrevi e resolvo não continuar. Isto basta para que meio mundo me chame mal-educado e outras cousas piores, por ir falar de assuntos feios à frente de senhores. E eu não estou para atrair odios sobre a minha pessoa, principalmente das mulheres honestas. Fico por aqui — e já não é pouco.

Mário DOMINGUES.

## QUESTÃO DE VIDA OU DE MORTE

## OS SENHORIOS TRABALHAM

E só a acção directa e enérgica do inquilinato pode mantê-los em respeito

Se o operariado, se o inquilinato quiser encarar bem de frente esta questão, isto é, a defesa contra a ganância dos proprietários, chegará fatalmente a esta conclusão: só a sua própria energia, só o protesto veemente das vítimas, poderá pôr um freio ao odioso destemper dos senhorios. Esperar do governo insensíveis medidas tendentes a salvaguardar os interesses do inquilinato é ingenuidade rematada.

Os governos importam-se pouco que fique na rua uma família, expulsa da casa onde residia, por um proprietário descarado. Os governos tem mais que fazer que preocupar-se com semelhantes ninharias. A verdade é que os senhorios tem feito quanto tem querido. Eles sentem-se de facto, os mais fortes, os dominadores. A lei não pode com eles. Não pode com eles a justiça. E o inquilinato vive asfixiado pelo temor d'aquelles que a oprimem. Podemos descrever-lhe aqui, participantes que somos dessa mesma indignação. Mas não podemos também deixar de declarar sinceramente que os artigos de jornal, por mais inflamados que se mostrem, por mais vibrantes, não são capazes de modificar a situação.

E' preciso mais. E' precisa a união de todos para manter em respeito a insalvável gula dos senhorios. Se nos não mexermos, se não fizermos por nossas mãos tudo o que importa fazer e nos respeita, seremos esmagados. Porque os senhorios, como há dias vimos di-

zendo, preparam-se para novo salto. Ai dos inquilinos se não preparam imediatamente uma eficaz defesa!

O sr. Nobre Portugal escreve-nos: «Os senhorios projectam na sombra um atentado contra a lei actual sobre inquilinato. Essencialmente, tanto como os generos alimentícios é a habitação e não compreendo como se quer passe pela cabeça de algum cercar regalias duramente conquistadas e pôr no momento actual uma arma feroz nas mãos dos senhorios, que iria dar lugar a fatais e violentas alterações da ordem pública. Todos os inquilinos, que são a maior parte da população, andam assustados e alvorçados com as manobras dos senhorios, que piamente pretendem fazer-lhes pagar em um mês o aluguer que levavam por um ano. Onde tem os operários, funcionários e todos os que trabalham semelhantes quantias para engrossar as rendas desses escorpídeos? Que perturbações, lágrimas e desesperos não virá trazer ao seio de quasi todas as famílias, qualquer pretexto, por mais insignificante que seja, que permita ao senhorio, o almejado meio de despedir o inquilino? Não creio que haja um ministro que seja conveniente em semelhante ingenuidade.

«Num jornal de Lisboa, em insiduosas palavras, choram os senhorios a exploração ignobil, que fazem certos inquilinos, que sub-arrendam os prédios que lhes não pertencem, sem fazerem participar os senhorios dessa ingenuidade roubalheira, bem assim cercam a complicitação do Estado nesse contrato, pois fogem à contribuição. Lágrimas de crocodilo são essas, pois que o que eles pretendem é serem eles só a roubar e a explorar e quanto a fazer participar o Estado, estamos daqui a ver a sua nobre intenção... Meta o governo na cadeia todos esses inquilinos exploradores, que não são muitos e que os senhorios podem denunciar, mas não tire as armas de um mau para as meter na mão de um peltor.

«Para amostra das intenções dos senhorios é ver o que eles pedem pelas casas, que, por meios inconfessáveis, tem conseguido desocupar. Esse é o pano de amostra das suas ambições.

## Ferrovários do Estado

### Nota officiosa

Prossegue a greve nas linhas do Sul e Sueste e Minho e Douro, como nos dias anteriores, não se tendo registado de feição alguma.

O pessoal de Lisboa, reunido ontem, em sessão magna, depois de ouvidas as explicações dadas pelos delegados deste Comité sobre as demarches feitas pelos srs. almirante Machado dos Santos e dr. António Cabreira, junto do governo, resolveu ratificar a sua confiança a este Comité, louvando-o pela maneira como tem sabido conduzir o movimento grevista, deliberando manter-se na greve, até que as reclamações sejam por completo atendidas.

A Direcção Geral de Transportes no seu comunicado de ontem afirma não ter suspenso o serviço de comboios no ramal de Vila Viçosa, tendo pelo contrário restabelecido o serviço entre Évora e Moura.

A prova mais concluyente da confusão estabelecida por esta entidade, quando dá por restabelecidos os serviços, é de que se trata de dois ramais puramente distintos, visto que um não se liga ao outro.

Esta suspensão de serviços registou-se.

E' falso que ontem se tivesse apresentado pessoal ao serviço assim como também hoje se não apresentará.

Também é falso que esteja ao serviço visto que para o provar está o caos em que estão os serviços ferroviários. Pelas 22 horas avistaram-se com o almirante sr. Machado dos Santos os delegados deste Comité tratando das negociações sobre as bases da plataforma apresentada ao governo, ficando marcada nova entrevista para hoje à mesma hora. — Comité Central dos Ferrovários do Estado.

## No Minho e Douro

Nota officiosa do pessoal destas linhas, do dia 12 do corrente

Causa assombro a todo o país a forma nefasta com o actual governo encara a questão ferroviária, que já de há muito poderia estar solucionada, se não fôra a sua intransigência egoísta, o seu pouco escrúpulo numa questão de tanta magnitude. Põe-se inutilmente a lésa-Pátria os actuais actos governamentais, que estão criando uma profunda revolta em todos os espíritos, que estão chamando as atenções de todo o povo prejudicado pela sua arrogante atitude, absolutamente impolitica e falha de praticabilidade para a solução dum conflito de tanta gravidade. Parece incrível que o povo, causa encarada até que havendo casas comerciais que, diariamente, estão sofrendo prejuizos elevados, continuem apáticas, inertes, não se impondo para que tal estado de coisas termine rapidamente! Preocupa-nos a nós ferroviários, e

que o público está sofrendo, que ele próprio sofre directamente, sem o menor assomo de energia. Que todos fiquem scientes: não é a classe ferroviária causadora da continuação do movimento em que foi forçada a envolver-se. Esse movimento é uma greve, imputável por todos os princípios, visto que se cerciam regalias já de há muito adquiridas, e que faziam parte das leis do país. Por dignidade própria, não por orgulho, mas sim por um sentimento humano, nós somos obrigados a prosseguir no movimento até final. Todas as responsabilidades cabem somente ao governo. Declinamos tudo o que possa suceder.

Daqui a pouco tempo não existe intacta uma locomotiva. Os fracassos são diários. Ontem foram avariadas para algum tempo as máquinas n.º 5 e 52. As paragens bruscas dos poucos comboios que se efectuam são constantes, sendo doloroso viajar nos mesmos, devido ao constantes estôdes das máquinas, andando os passageiros aos boleus dentro das carruagens. Apesar disto e de muitas outras coisas que sucedem consecutivamente por essas linhas fora, não se tem cansado a Direcção Geral dos Transportes em fazer crer, com uma ingenuidade maré, que está tudo «normalizado»!

O pessoal das oficinas gerais de Campanhã, está indignado com o procedimento de alguns mestres, Joaquim da Silva da pequena reparação, Alvaro Pereira dos Ferreiros, Job da Silva, Henrique dos Santos, José Guedes e outros que, tendo sido os primeiros a incitá-los à greve, chegando a alucinações de cobardes, são agora os próprios que mais se tem salientado na sua «amaralagem». O carácter destas caiauras ficará marcada com o ferrite em braza da ingenuidade. Mas se censura o procedimento do sub-inspector de tracção João de Magalhães, cujo carácter é asqueroso e repelente.

Este Comité salda todos os camaradas em luta, e muito especialmente aqueles que se encontram a ferros da República, sentindo-se satisfeito por ter ensinado a admirar a forma como todos tem sabido lutar, impondo-se, não só à consideração de toda a organização operária como até aos próprios adversários deste justissimo movimento. — O Comité.

## A normalização

RIO TINTO, 10. — C. — Com o fim de demonstrar ao público o que é a tam decantada normalização dos serviços ferroviários, aí vai uma amostra bem significativa da mentira das notas governamentais.

Em 30 de Setembro despachou a Companhia União Fabril um vagom de sabão com destino a Braga, consignado ao sr. Manuel da Costa e Sousa, remessa n.º 25.538.

Pois a normalização fez com que o referido vagom estivesse retido em Rio Tinto 37 dias, porquanto só a 6 do corrente mês é que foi pôsto à feição para



